
ANTROPOLOGIA

DO MUNDO

DAS PLANTAS

MEDICINAIS

JOSÉ MARIA TAVARES DE ANDRADE*

Resumo: as plantas medicinais representam no planeta a locomotiva da Medicina Tradicional - familiar, popular e ainda natural ou complementar. A figura do 'mateiro' auxiliar de botânicos no trabalho de campo representa uma dobradiça que articula em nossa Antropologia: gratuidade (pesquisa pura) e pragmatismo (pesquisa aplicada); 'ciências duras' e 'ciências moles'; o complexo e 'os simples' - Medicina Tradicional e a Oficial - que perdeu o diálogo com sua própria mãe.

Palavras-chaves: Complexidade. Etnociência. Antropologia. Medicina Tradicional. Fitoterapia.

Nossa experiência como antropólogo no mundo das plantas medicinais começou nos anos oitenta, na observação e acompanhamento de grupos de base do trabalho pioneiro do Dr. Celerino Carricone e Diana Mores – Centro Nordeste de Medicina Popular – e do Movimento Popular de Saúde. Encontrava-me, na época, em uma equipe multidisciplinar com biólogo, médico, enfermeiro e sociólogos na área de concentração em saúde, do Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. Trabalhamos também em colaboração com o Laboratório de Tecnologia Farmacêutico (LTF) da mesma Universidade.

Esta problemática¹ afirma-se como prioritária do ponto de vista ético, teleológico, social, pois as plantas me-

dicinais representam dialogicamente, recursos (humanos/ naturais/ culturais) locais. Elas não são suficientemente indisponíveis para o autoconsumo *in natura* e para produção de fitoterápicos. O mundo das plantas medicinais, por outro lado, é também um desafio acadêmico privilegiado (na pesquisa/ ensino/ extensão), na perspectiva buscada de aplicação da epistemologia da complexidade, segundo Morin (1977 p. 15).

Em 1983, formamos uma equipe interdisciplinar específica para o estudo das plantas na Medicina Tradicional (MT). Nos anos seguintes, desenvolvemos o projeto *Do conhecimento popular ao científico sobre plantas nas práticas de saúde* (DCS-UFPB / CNPq). Além da tentativa de trabalho interdisciplinar com a equipe, surge uma convivência permanente com várias instituições e colegas de diferentes áreas, especialmente Rinalda Araújo, farmacêutica, com a qual organizamos o Seminário Interdisciplinar Plantas Medicinais, que, em seguida, se tornou o Grupo Integrado de Plantas Medicinais.

Em 1989 surgiu a articulação nacional de Fitoterapia em Serviço Público e intensificam-se meus trabalhos de assessoria e de intercâmbio, inclusive com a comunidade científica nacional – sobretudo com o Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil. Este, que se abria então na Paraíba para uma maior interdisciplinaridade e para as Etnociências), com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e a Associação Brasileira de Antropologia.

Nas Ciências Sociais em Saúde e mesmo na Antropologia da Saúde/ Doença, ou Antropologia Médica os trabalhos sobre plantas medicinais são raros e não apenas no Brasil, o que ficou patente, inclusive, nos primeiros encontros destas áreas, ocorridos em 1993, em Belo Horizonte e Salvador.

Na América Latina e Caribe, dispomos de uma articulação em torno do Seminário que chamamos de *Teoría y Práctica en la Aplicación de la Medicina Tradicional en Sistemas Formales de Salud*. A fitoterapia, tanto no sistema tradicional

como nos sistemas formais, foi uma das dimensões centrais de nosso I Seminário² no Peru – 1989 e do II, realizado na República Dominicana – 1992³.

Por um lado desconhecemos uma formação específica de Antropólogos nesta área ou uma reconhecida presença destes nas equipes de Botânicos, Farmacêuticos, Farmacólogos, Químicos, em laboratório de pesquisa. A dimensão eminentemente antropológica (etnográfica e etnológica) tende a ser cada vez mais explicitada, como tendência recente de abertura teórica e metodológica para a complexidade fitoterápica.

MATEIRO, O EIXO DA DOBRADIÇA ENTRE CONHECIMENTO POPULAR E CIENTÍFICO

A importância da figura do Mateiro, o colaborador do trabalho de campo em Botânica, pode ser exemplificada como sendo ele o eixo da dobradiça que articula efetivamente, se bem que de maneira quase invisível, conhecimentos da MT e conhecimentos científicos. Isto ocorre na ausência de diálogo multiprofissional e interinstitucional (Ciências da Natureza X Ciências Antropossociais).

Parece-nos ser mais fácil ou frequente a busca da complementação de formação científica por parte de biólogos que de cientistas sociais. É como se a abertura primordial da Botânica para a Etnologia se mantivesse, inibindo o movimento contrário. Além da tendência de certa auto-suficiência do lado das Ciências da Natureza, temos, a título de contra-exemplo, o caso da Dra. Ming Anthony – Pesquisadora do CNRS da Universidade de Estrasburgo e do nosso projeto de convênio com a UFPB. Neste campo da Etnobotânica, depois de um Mestrado e dois Doutorados em Biologia, ela acaba de defender dissertação, visando uma tese em Etnologia⁴.

Isto não dispensa reconhecermos, por outro lado, que novas espécies vegetais sejam classificadas, desconhecendo-se suas bases etnobotânicas, etnofarmacológica e mesmo a nomenclatura autóctone ou popular, não obstante a contribuição

valiosa, mas não reconhecida nem levada em conta, quanto a conhecimentos da MT coletados ao mesmo tempo que as plantas medicinais por Mateiros. É assim que ocorre o corte na história da cultura e dos conhecimentos.

A Etnobotânica clássica continua também no Brasil a privilegiar estudos em áreas indígenas, de maior diversidade biocultural e de maior acorrida das pesquisas de ponta e das patentes. Nas áreas mais recentes de ocupação brasileira (como no Acre), ou mais antigas (como no Nordeste) constamos a presença marcante de plantas medicinais trazidas pelos colonizadores, sendo ainda menos estudadas.

ENTRE GRATUIDADE (PESQUISA PURA) E PRAGMATISMO (PESQUISA APLICADA)

Existe menos na gratuidade, do mundo acadêmico, e cada vez mais no pragmatismo da grande indústria, o reconhecimento de que os custos com as pesquisas de novos medicamentos à base de plantas diminuem quando, na porta de entrada da pesquisa, dispõe-se de conhecimentos detalhados da multidimensionalidade da fitoterapia tradicional, como confirmava Douglas C. Daly do *New York Botanical Garden* –, quando trabalhávamos como consultores em Etnobotânica do Projeto Acre FUNTAC/ ITTO⁵.

O que ocorre nos bastidores da grande indústria quanto a esta primeira etapa Etnobotânica da pesquisa? Como poderá ser garantida uma continuidade atual entre pré-ciência e ciência? Superam-se efetivamente etapas, na pesquisa de novos medicamentos, por exemplo, mostrando-se uma boa foto de uma úlcera a um curandeiro, perguntando-lhe como ele faria detalhadamente para curá-la.

Antes mesmo do surgimento do termo *etnobotany*, a Botânica aplicada – *botanique appliquée*, Candolle 1819 – já exacerbava sua multidimensionalidade utilitária na indústria, economia, medicina, agricultura, história... Continuam, até hoje, duas grandes tendências na Etnobotânica: a tendência

anglo-saxônica (USA), mais utilitária ou pragmática, e outra tendência européia (França), mais comparativa e de reconhecimento de diferenças antropológicas⁶.

UMA ANTROPOLOGIA ENTRE “CIÊNCIAS DURAS” E “CIÊNCIAS MOLES”

Não dispomos propriamente de uma especializada Antropologia das plantas medicinais, da fitoterapia ou de fitoterápicos, não obstante as velhas monografias (inclusive de uma *antropologia selvagem*, ou seja, estudos etnográficos praticados por pesquisadores de outras ciências, como a dos chamados naturalistas⁷; como também ensaios clínicos recentes cobrindo diferentes aspectos cognitivos do mundo das plantas. A própria abertura da Botânica para uma interface com a Antropologia, chamada de *ethnobotany* – por J.W. Harshberger, em 1895 – certamente inibe, para a Antropologia, o processo de emancipação típico, na história da Ciência clássica, em campos cada vez mais especializados.

A tendência, de 1950 para cá, com o surgimento da Etnociência, é esta hospedar os galhos e ramos da multidimensionalidade e complexidade formuladas em termos de interfaces.

A experiência da articulação nacional de Fitoterapia em Serviço Público tem mostrado como o fenômeno da cultura fitoterápica vem exigindo dos diferentes profissionais e instituições um reconhecimento de sua multidimensionalidade e complexidade, evitando-se, assim, a tendência clássica de abordagens reducionistas.

Cada uma das dimensões do saber científico emancipado comporta uma confrontação entre os modos de conhecimento pré-científico e científico. Cada saber farmacológico (remédios) depende de um saber botânico (plantas) e este, de um saber ecológico, enquanto instâncias concêntricas de dimensões de relações Homem/ Natureza da cultura fitoterápica tradicional, popular ou pré-científica correspondem a campos

emancipados da Ciência moderna. E assim segue a série concêntrica complementar de grandes categorias humanas: doença, corpo e mundo, comportando igualmente uma confrontação, em torno de cada uma delas, dos modos de produção de conhecimentos.

ANTROPOLOGIA ENTRE MEDICINA TRADICIONAL (MT) E MEDICINA OFICIAL (MO)

É interessante destacar que existe uma MT ao lado de sua filha, a MO, assim como um pensamento simbólico (mítico-mágico) ao lado do pensamento racionalista, reducionista cientificista. Entretanto não podemos distinguir uma “Antropologia pré-científica” ao lado de uma “científica”. A Etnociência surge justamente com a Etnobotânica, seguida da Etnozoologia, (que juntas formam a Etnobiologia). E, em seguida, surgiram a Etnofarmacologia, Etnomedicina, Etnoagricultura, Etnolinguística, Etnomusicologia entre linhas divisórias inatingíveis entre o singular e o universal, entre o natural e o cultural do Homem. A fitoterapia suscita ainda uma Etnoetologia – se levarmos a sério a busca de remédios pelos animais, como o caso do Teiju citado adiante – e uma Etnoimunologia, conforme nosso projeto à espera de uma equipe interdisciplinar⁸.

Dizer que o farmacológico e terapêutico é tão velho quanto à humanidade equivale a nos perguntar se o remédio nasce com a cultura, sendo apanágio do Homem, ou se a humanidade nasce com o “remédio”. A linha divisória entre a natureza (*o bicho bruto*) e a cultura (*o bicho Homem*) desaparece como se fosse certa alucinação antropológica. Escutamos no Brasil, como na Índia, a luta de vida ou de morte entre a cobra e o teju (ou teiju, lagarto da família dos Teidas). O teiju aceita a luta com o peçonhento, mas o atrai para um local onde ele sabe que vai poder se valer de uma planta como antídoto – recentemente, na Guiana Francesa, fotografei este tipo de luta considerada mais como lendária.

Está em jogo também o processo de apropriação (ou expropriação) que a ciência faz da pré-ciência. Enquanto o saber e saber fazer não se torna sistematizado, racional, escrito, patenteado, editado ou industrializado é como se não existisse. É como se o conhecimento etnobotânico ou etnofarmacológico, por exemplo, como *trabalho morto*, transmitido no plano da cultura, da experiência vivida pelos povos ou grupos humanos, não pudesse ser reconhecido enquanto tal, mas apenas conhecido e utilizado cientificamente.

ANTROPOLOGIA ENTRE OS SIMPLES (AS PLANTAS) E O COMPLEXO⁹

Os entraves conhecidos, mas nem sempre reconhecidos, pelo menos na transparência possível da pesquisa acadêmica e de outros órgãos públicos – para os avanços de diferentes interfaces entre pré-ciência e ciência, poderão ser atribuídos, profundamente, ao próprio modelo de ciência clássica, ou *paradigma da simplificação*, por oposição ao paradigma nascente da complexidade, segundo Edgar Morin (2005, p. 78).

Equívocos decorrentes, por exemplo, da ausência da interface etno/botânica ocorrem tanto nos passos seguintes da pesquisa de medicamentos (com prejuízos financeiros e outros prejuízos para a fitoterapia tradicional) como também no uso *in natura*, de usos indevidos de plantas (com prejuízos para a saúde da população). No primeiro caso o equívoco é quanto a não compreensão, por parte do pesquisador, da linguagem popular, quanto à indicação, por exemplo, de um *chá calmante* para o sistema digestivo, sendo entendido, por uma projeção do ponto de vista da Psicofarmacologia, como sendo tradicionalmente indicado para o sistema nervoso central. No segundo caso, temos, por exemplo, uma panacéia a partir de um modismo, em torno de uma planta exógena, forrageira, sem nenhuma base de cultura fitoterápica, portanto sem tradição de experimentação da MT e sem base também na Etnobotânica. Os preconceitos, os tabus, as crenças, os misticismos,

os modismos, os símbolos, os sonhos, os mitos, a magia, a religiosidade, inclusive na busca desesperada de saúde – do latim *salus*, salvação do corpo / alma ou de cura – não são fenômenos menos humanos ou secundários da investigação antropológica. O conceito de *eficácia-simbólica* de Lévi-Strauss (1958, p. 158), por exemplo, é um marco importante neste contexto¹⁰.

ANTROPOLOGIA ENTRE OS REMÉDIOS E O MEDICAMENTO

Além de suas conotações jurídicas (européias ou nacionais), o conceito de medicamento merece ser confrontado com o conceito de remédio, na mesma relação que estamos construindo entre pré-ciência e ciência. Um amigo comentava, em tom jocoso, a dificuldade de as pesquisas públicas resultarem na produção de novos medicamentos, mesmo depois de tantos anos de financiamento e de tantos avanços científicos, dizendo: a academia se amarrou em um conceito tão rigorosamente científico de medicamentos que só mesmo a grande indústria sabe inventá-los.

A dimensão eminentemente antropológica deste imenso, fantástico e apaixonante mundo das plantas medicinais começa a ser apenas explicitada e assumida. Como vimos anteriormente, ela nasceu antes e cresceu fora de disciplinas antropológicas. Não se trata de reivindicar, de maneira corporativista, que esta dimensão passe a ser assumida, exclusivamente, por cientistas sociais ou antropólogos em particular. Dificilmente, por exemplo, poder-se-ia pretender ou imaginar uma situação inversa, na qual o antropólogo passasse a assumir tarefas especializadas de outras áreas, como a sistemática botânica.

Diante da história recente de compartimentação do saber acadêmico, a interface Antropologia-Botânica favorece e suscita uma vocação de cooperação e complementação interdisciplinar em respeito à complexidade.

Podemos finalmente abordar, a partir de nossa experiência, a vocação da Antropologia neste contexto da Fitoterapia e, sobretudo, Fitoterapia em Serviço Público, passagem da Fitoterapia da Medicina Tradicional à Medicina Oficial (do campo para a cidade, do autoconsumo para o mercado). Muito pode fazer individualmente o antropólogo e muito mais poderá fazer em sua integração em projetos e equipes interdisciplinares e interinstitucionais. Lembremos que os desafios e prioridades deste trabalho apelam à contribuição do antropólogo, seja no estudo de uma planta, como veremos a seguir, seja em tarefas de diagnóstico, avaliação, planejamento de produção e promoção, neste campo, em âmbito local, regional e nacional – além do intercâmbio latino-americano.

Quanto à pesquisa de campo, a Antropologia e a Botânica representam a porta de entrada de uma pesquisa sobre plantas medicinais. Quantas plantas foram classificadas botanicamente, sem um estudo mínimo de Etnobotânica. Sem uma sinonímia popular, sem seus usos tradicionais diversos, sem sua representação na tradição e cosmovisão, perde-se de vista toda a herança e um saber a ser levado em consideração em sua nova utilização, seja *in natura*, seja na produção de fitoterápicos em âmbito doméstico, artesanal ou industrial. Muitos estudos sobre plantas já foram feitos com objetivos mais gratuitos, mais acadêmicos e reduzidos à dimensão da especialidade de um pesquisador. Trata-se, no objetivo amplo deste nosso trabalho, de garantir, além das pesquisas gratuitas, a intenção ampla de fazer avançar o progresso da ciência, também de garantir uma conjunção de esforços para uma política de pesquisa e uma priorização de estudos com todas as etapas exigidas pela Fitoterapia em Serviço Público.

Cabe ao antropólogo, neste caso, garantir o aspecto cumulativo da cultura fitoterápica, ou mesmo, uma continuidade possível entre conhecimentos pré-científicos (muitas vezes expressos ou manifestados indiretamente em linguagens específicas) e o conhecimento científico.

ANTROPOLOGIA: DO SABER POPULAR AO SABER CIENTÍFICO

Cabe ao antropólogo estudar as plantas no contexto da MT, garantindo uma decodificação, tradução e diálogo entre medicinas. Trata-se de reconstituir o maior número possível de informações diversas em torno de cada planta e conforme sua importância na cultura. Trata-se de reconhecer o que já existe como saber e, também, como saber fazer.

Esta tarefa do antropólogo, no estudo de campo, pode ser chamada de reconhecimento, pois, de fato, antes de tudo, já existe um conhecimento, uma acumulação de experiências a serem sistematizadas e reconhecidas cientificamente. O tempo de uso de uma planta, por exemplo, não pode ser indiferente, em sua escolha como projeto de estudos complementares.

O aspecto da linguagem, como já nos referimos, é fundamental na tarefa de reconhecimento, mesmo que o pesquisador não enfrente informantes de outra língua, como numa situação de bilinguismo. São frequentes os problemas de acesso ao conteúdo de significação das experiências tradicionais. O mais grave é que os problemas de compreensão frequentemente ocorrem sem que o pesquisador o perceba. Neste caso, as consequências desastrosas para a pesquisa só aparecem depois de muitos prejuízos. Conforme a especificidade da linguagem do informante, podemos nos defrontar com fórmulas consagradas pela tradição que são ritualizações de comportamentos ou procedimentos, evocando dimensões de uma cosmovisão sagrada.

O pesquisador poderá simplesmente desprezar informações ali contidas como *crendices* ou *tabus*, não pertinentes à sua investigação. Por exemplo, quanto às dificuldades de dosagens ou padrões de medida. Como sabemos, a gota, hoje aceita internacionalmente como unidade de medida, mesmo do colírio, foi muito tempo antes uma medida popular.

A que corresponde uma *nagada* ou um *punhado* em tal região? Quando escutamos, por exemplo, que *se pega a cabacinha* (*Luffa opercula* Cogn.), *corta-se em cruz e jogam-se três*

pedaços por cima do ombro e para trás, podemos traduzir que nunca se pode usar mais que 25% do pequeno fruto, devido à sua toxicidade.

Os recursos no campo da Fitoterapia são ao mesmo tempo recursos naturais / humanos/ culturais. A planta é, ao mesmo tempo, elemento da Natureza e elemento da Cultura, sendo os indivíduos, as gerações, transmissores ou não de um saber acumulado. Daí a necessidade do termo *dialogia* para nos lembrar que necessitamos trabalhar com várias lógicas, fatores, indicadores, causas ou variáveis. Daí preferirmos o termo biocultural *diversidade*.

A cultura fitoterápica, em vez de se deixar inscrever em limites paliativos e curativos do mundo dos medicamentos, desdobra-se nos continentes diversos dos alimentos, cosméticos – pois feiúra pode ser vista como doença –, temperos, ingredientes diversos e remédios. Ela não deixa de ser o *chazinho da vovó* ao ser também a *fórmula mãe* dos homeopatas e o *pó total (cryobroyage)* de novos laboratórios fitoterápicos.

A cultura fitoterápica é um patrimônio da Humanidade, de todas as épocas e civilizações, e é nesta escala planetária e universal que ela encontra suas formas de resistência e metamorfoses.

A questão dos recursos humanos disponíveis e necessários, quanto às dimensões mais amplas e ligadas às Ciências Sociais nestes projetos, como vimos anteriormente, não representa o mesmo desafio que em sua dimensão eminentemente antropológica. Por um lado, não é fácil passarmos de um depoimento pessoal (enquanto um dos únicos antropólogos a dedicar-se especificamente às plantas medicinais) a um diagnóstico preciso quanto à efetiva demanda de formação específica em Etnobotânica. Isto, tendo em vista que este campo de trabalho não foi tradicionalmente assumido por antropólogos, por outro lado, algumas explicitações se impõem a partir da nova perspectiva de trabalho.

Partimos do fato generalizado da ausência de integração de antropólogos e de outros cientistas sociais nos setores,

centros ou equipes com pesquisa de campo em plantas medicinais. O mais grave é a tradicional falta de articulação ou colaboração interdisciplinar entre pesquisadores das diferentes dimensões ou áreas, necessariamente implicadas, o que explica, além de outras dificuldades, a falta de terminalidade ou de aplicabilidade de muitas pesquisas acadêmicas. Este mesmo fenômeno, na concepção de objetos e projetos individuais ou isolados de pesquisa, conforme a dimensão específica do pesquisador responsável pode explicar também por que uma indispensável dimensão antropológica não seja contemplada.

Em nossa perspectiva, em curto prazo, sobretudo, e conforme defendemos anteriormente, de modo nada corporativista, o fundamental é que a dimensão eminentemente antropológica seja uma vez assegurada com ou sem a presença direta de um antropólogo. Em termos de recursos humanos, o nosso desafio maior é a uma nova aprendizagem para o trabalho interdisciplinar, rompendo com a tradição de pesquisas parciais, ou individuais, em campos isolados do saber. A divisão do trabalho, conforme o modelo clássico da ciência e a tendência inevitável de hiperespecialização, faz com que os próprios órgãos, como CAPES e CNPq, ainda tenham dificuldades de estimular grupos interdisciplinares.

Contamos com uma potencialidade enorme da área de Antropologia, com uma tradição teórica e metodológica consolidada de estudos de campo, com pesquisadores suficientes em quantidade e em qualidade, mas que muito raramente são chamados a trabalhar no mundo das plantas. Os antropólogos dificilmente poderiam desenvolver individualmente pesquisas de campo sem uma colaboração, sobretudo de um botânico, por conta da exigência imprescindível do trabalho de sistemática botânica. Em nossa experiência de trabalhos em equipe interdisciplinar, contamos, por exemplo, com a participação de botânicos, como Maria de Fátima Agra, Ivan Coelho Dantas, além de médicos e colegas sociólogos. Como antropólogo, já colaborei com outras equipes seja em pesquisas, seja em trabalhos de base em saúde, de organizações não

governamentais, como Movimento Popular de Saúde, Pastoral da Criança - CNBB, Voluntários Alemães, o que confirma o surgimento de certa demanda.

Do intercâmbio com a Universidade de Estrasburgo¹¹ surgiu a formação de Antropólogos, com a disciplina específica de Etnobotânica, da Prof^a Ming Anthony. Na Universidade Federal da Paraíba, tivemos sua colaboração na disciplina de Antropologia da Saúde / Doença, junto ao Mestrado em Enfermagem, que contava também com uma disciplina de Fitoterapia a cargo do biólogo Prof. Lauro Xavier do LTF/UFPB.

Tratam-se, entretanto, de experiências pioneiras, como os cursos de Plantas Medicinais, em diferentes níveis, ministrados pela farmacóloga Rinalda Araújo em que a dimensão antropológica é contemplada com ou sem a presença de antropólogo. O projeto de Etnobotânica - CAPES /COFECUB, de cooperação entre estas duas Universidades, poderia consolidar esta tentativa de formação interdisciplinar de recursos humanos.

A própria necessidade de interdisciplinaridade e de interface, é reconhecida já sob vários aspectos, inclusive nas áreas de Etnociência. Por um lado, não poderá esperar pelo surgimento de uma nova geração de antropólogos superespecializada, a assumirem novas tarefas. Por outro lado, equivale a uma efetiva demanda, na formação complementar de nossos recursos humanos que se envolvam, de uma maneira ou de outra, tanto nas pesquisas como em outros trabalhos de Fitoterapia em Serviço Público – esperamos novos parceiros.

Notas

- 1 Este texto foi inicialmente elaborado como capítulo de um manual de fitoterapia que deveria ter sido publicado pela Coordenação Nacional de Fitoterapia em Serviço Público/ OPAS-Brasil para a América Latina.
- 2 Cf. Anais. *La Medicina Tradicional en Sistemas Formales de Salud*, CMA. Cusco. 1989. Ver Andrade, J. M. T. de - Presupuestos teóricos en las relaciones entre Medicina Tradicional y Medicina Oficial, *In op. cit.* p. 147-176.

- 3 Coordenação a cargo de Eduardo Estreita (de saudosa memória) - Museu Nacional de Medicina. C/ Garcia Moreno, 524, Quito
- 4 Essai sur plantes et les remèdes des cultures afro-brésiliennes DEA Inst d'Ethnologie, Strasbourg, 1993.
- 5 Cf. J. W. Harshberaer. The Purpose of Ethnology in Amer. Anuq. 17, 1896.
- 6 Zimmermann. F., *Les discours des remèdes au pays des épices*, Payot, Paris. 1989.
- 7 Cf. como um dos últimos exemplos de Lima. O. G., Observações sobre o *vinho da Jurema* utilizado pelos índios Pancau de Tacaratú. *In Arquivos. Inst. Pesq. Agron.* Recife Vol. 4. 1946, p. 45-80.
- 8 http://ethnomedecine.free.fr/texte/ethno_im.htm
- 9 Cf. a este respeito nosso Seminário sobre o simples e o complexo quanto aos medicamentos – <http://ethnomedecine.free.fr>.
- 10 Levi-Strauss. C., *Anthropologie Structurale*, Plon, Paris, 1958, p. 205-226. Cf. também Quieroz, M. S., O paradigma mecanicista da medicina oficial moderna: uma perspectiva antropológica. *In Rev. Saúde Pública*, S. Paulo, 20 (4): 309-17 1986.
- 11 O texto deste projeto de convênio chegou a ser aprovado do lado francês, mas desapareceu “misteriosamente” nas engrenagens de nossa burocracia e outro convênio ressurgiu uma década depois.

Referências

ANDRADE, J. M. T. de. Presupuestos teóricos en las relaciones entre Medicina Tradicional y Medicina Oficial in *La Medicina Tradicional en Sistemas Formales de Salud*, CMA. Cusco. 1989, p. 147-176.

_____. *Planta, Remédio, América Latina*, M&A Publishers, Strasbourg, 2008.

BROSSE, J. *Mythologie des Arbres*, Plon, Paris, 1989 e *La Magie des Plantes*, Albin Michel. Paris, 1990.

HARSHBERAER, J. W. The Purpose of Ethnology in Amer. Anuq. 17, 1896.

LÉVI- STRAUSS, C. *Anthropologie Structurale*, Plon, Paris, 1958.

LIMA. O. G. Observações sobre o vinho da Jurema utilizado pelos índios Pancarau de Tacaratú, in Arquivos. Inst. Pesq. Agron, Recife Vol. 4. 1946, p. 45-80.

MORIN, E. La Méthode 6 volumes, 1977-2005.

ZIMMERMANN. F. Les discours des remèdes au pays des épices, Payot, Paris. 1989.

ANTHROPOLOGY OF THE WORLD OF MEDICINAL PLANTS

Abstract: medicinal plants are an universal heritage, the oldest locomotive for traditional and family, popular, natural, alternative or complementary medicine.

The figure of “Mateiro”, the field botanist assistant, symbolizes a hinge that articulates traditional knowledge with scientific knowledge; free (basic research) and pragmatic (applied research); hard and soft sciences; “simples” (medicinal plants) and complex remedies and medicines, official medicine - that disrupt dialog with its mother - and traditional healing.

Keywords: Complexity. Ethnoscience. Anthropology. Traditional Medicine. Medicinal plants.

* Estudou Filosofia, Sociologia, Linguística e Antropologia. Foi aluno de Roger Bastide - Sorbonne Paris III e de Edgar Morin, no Pós-Doutorado em Epistemologia da Complexidade. Trabalhou na UFPE, Universidade de Londrina e UFPB. Atualmente é pesquisador no IRIST Université de Strasbourg – France. E-mail tavares@unistra.fr